

**DE OCEANOS E DESERTOS:  
PAIXÃO E DESEJO NA  
MÚSICA DE DJAVAN**

NASCIMENTO, Luciana (UFAC) \* \*\*

---

\* *Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFAC (Universidade Federal do Acre). E-mail: luciana@ufac.br.*

\*\* *Meus agradecimentos aos Bolsistas do Projeto “Saúde, linguagem e imaginário”, por mim coordenado. Aos acadêmicos do Curso de Medicina da UFAC, Gledson Oliveira Machado, Daniel Alves Orlando e Saulo Rodrigo Moreira da Cunha, que em suas práticas médicas jamais deixarão de considerar os efeitos do amor e da paixão na vida de seus pacientes.*

**RESUMO:** Neste trabalho, pretende-se apresentar algumas reflexões sobre a imagem do amor e da paixão, na música *Oceano*, de Djavan, tendo como horizonte de leitura os estudos de Octavio Paz sobre as relações entre poesia, amor e erotismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia, imagem do amor, desejo e erotismo.

**ABSTRACT:** This paper intends to present some reflections about the image of love and passion in the song "*Oceano*" by Djavan based on the studies of Octavio Paz concerning the relations between poetry, love and eroticism.

**KEYWORDS:** poetry, image of love, desire and eroticism.

*Dedico este artigo a,  
Aline Cristina Nascimento, infinito do  
meu oceano feminino, que se inscreveu  
na minha história.*

*Com Copérnico, o homem deixou de  
estar no centro do universo. Com  
Darwin, o homem deixou de ser o cen-  
tro do reino animal. Com Marx, o ho-  
mem deixou de ser o centro da história  
(que aliás, não possui um centro). Com  
Freud, o homem deixou de ser o centro  
de si mesmo.*

Eduardo Prado Coelho

Conforme postulou o escritor Jorge Luis Borges<sup>1</sup>, todos os poemas e romances escritos ao longo dos tempos não fizeram outra coisa a não ser repetir em versos infinitos os mesmos temas. Paixão e desejo são temas recorrentes ao longo da cultura e da literatura ocidentais e sem dúvida, percorrem a MPB de um Djavan. O título deste artigo já remete em si para o texto musical do autor -*Oceano*.

Estão em cena, portanto, paixão, amor, desejo e a presença do outro como complemento. Percorrendo a trajetória da paixão e seus diversos significados e acepções, podemos observar que em Nietzsche,<sup>2</sup> a paixão apresenta-se como algo frag-

<sup>1</sup> BORGES, Jorge Luis. *A Biblioteca de Babel. Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1998.

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

mentado e exige a mutação de todos os valores. Em Marx, o conceito de paixão é encenado a partir de um discurso inflamado que denuncia a injustiça das estruturas econômica e social, já em Freud, a paixão revela-se como atividade do inconsciente, pois é a criatividade, a mola propulsora da criação poética.

A Ciência Médica na Grécia Antiga postulou que o amor e a paixão nascem no fígado e, posteriormente, afirmou-se que nascem no coração<sup>3</sup>. Tempos depois, afirmou-se que o amor nasce no cérebro e que o olhar tem importante papel, ao enviar estímulos para aquele e estimulando, portanto, a liberação de substâncias, como a adrenalina e as cotecolaminas, que causam alterações fisiológicas cardíacas<sup>4</sup>. Seja como for, a idéia de amor encontra-se tão presente na literatura, no cinema, no teatro, na telenovela, como na música e ao longo da tradição ocidental encontra seus primeiros ecos nos Diálogos de Platão<sup>5</sup>. Nos postulados do Filósofo Grego, o Amor era filho da Penúria e da Abundância – algo que escapava ao plano imediato das coisas deste mundo, como é descrito em *O Banquete*, no qual entra em cena Eros e o desejo de continuação do sentimento e também o amor contemplativo nas palavras sublime da sacerdotisa Diotima.

Já na tradição Cristã, podemos ler nas Cartas de São Paulo uma acepção de amor universal, sob a luz da caridade e da fraternidade, ou seja, um amor desapegado do corpo. Recordemos a música de Renato Russo, Monte Castelo, na qual ele recria a Carta de São Paulo aos Filipenses e as concepções de amor camoniana e Agostiniana: “Ainda que eu falasse a língua dos Anjos, que falasse a Língua dos homens, eu nada seria sem o Amor...”.

E é entre o apelo de Eros e o sublime cristão que Djavan poetiza<sup>6</sup> e recria o amor na nossa contemporaneidade. Investindo numa poética do corpo, da paixão e do erótico que desliza nos elementos da natureza, o músico alagoano assim abre sua famosa canção, *Oceano*:

<sup>3</sup> SCLIAR, M. a paixão transformada. História da Medicina na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>4</sup> Observações do alunos Gledson Mchado, Saulo Rodrigo Cunha e Daniel Orlando

<sup>5</sup> PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Abril, 1979.

<sup>6</sup> Consideramos as letras de música como textos poéticos

Assim que o dia amanheceu, lá no mar alto da paixão,  
Dava pra ver o tempo ruir,  
Cadê você que solidão, esquecera de mim.  
Enfim de tudo o que há na terra não há nada em lugar nenhum  
Que vá crescer sem você chegar

Circunscrita sob a metáfora do mar, a paixão djavaneana clama pela ausência do outro. Quando nos remetemos à metáfora, aludimos à origem da palavra grega “Metá – fora”, no sentido de transportar algo. E na canção, há um transporte feito através do olhar do sujeito para um lugar de busca desse outro, que apresenta-se como algo necessário para a vida desse sujeito poético como também para a natureza:

Enfim de tudo o que há na terra,  
não há nada em lugar nenhum,  
que vá crescer sem você chegar.

Nesses versos, está, pois, em cena, a visão do feminino como mulher, mãe, matriz geradora. Matriz ou útero, eis o signo gerador de sentidos que marcam a presença e o corpo feminino nesse oceano de paixões. Freudianamente, o sujeito poético deseja essa matriz como aconchego e proteção<sup>7</sup>. Segundo Freud, todo o processo inconsciente da sexualidade, sob a as amarras do superego, consiste em desviar o primeiro apetite sexual que é transformado em inclinação erótica, dirigindo-o para um objeto distinto que substitui o pai ou a mãe.<sup>8</sup>

Para o médico psicanalista austríaco, a paixão é um jogo de reflexo, uma atividade lúdica, uma escolha, pois cremos que estamos amando a B, seu corpo e sua alma, mas na realidade, ama-se a imagem C em B. Sexualismo fantasmagórico que torna tudo o que tange, em sombra e imagem.<sup>9</sup>

Na canção *Oceano*, temos o corpo feminino, objeto de desejo não só erótico, mas também sublime, ao evocar a mulher como senhora e repositório da vida em sua dimensão de terra e origem. A ausência dessa paixão é vista tanto com os

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

<sup>8</sup> FREUD. *Além do Princípio do prazer*. p. 46

<sup>9</sup> op. Cit. P. 55.

olhos da matéria, como também com os olhos de um espírito que anseia pelo outro num incessante desejo gregário, configurado numa “harmonia de círculos concêntricos”, que agrega uma dupla chama de amor erotismo”<sup>10</sup>:

Longe de ti tudo parou,  
Ninguém sabe o que eu sofri.  
Amar é um deserto e seus temores,  
Vida que vai na cela dessas dores,  
Não sabe voltar,

Sublimemente, sexo, paixão, amor, aconchego, a presença do outro na ausência, encena uma relação sexual fantasmagórica, com a transformação do sujeito poético em “Oceano”, onde o gozo feminino se concretiza (deságua), ocorrendo o que Freud denominou de “pequena morte”,<sup>11</sup> ou seja, todo ato extremo de paixão e amor é profundamente marcado por um sentimento de aniquilamento de si mesmo, acompanhado do desejo de reafirmar a vida através da fusão com o outro, como podemos ler nas palavras de Djavan:

Me dá teu calor,  
Vem me fazer feliz porque eu te amo,  
Você deságua em mim e eu Oceano,  
E esqueço que amar é quase uma dor.  
Só sei Viver se for com Você.

Octavio Paz, em *A dupla chama amor e erotismo* nos mostra que o corpo é uma presença desejada, ainda que no ato sexual abracemos fantasmas, apesar de nosso parceiro ter nome e identidade. Mas o encontro erótico realiza a dissolução dos corpos, fazendo com que os amantes toquem “o impalpável” e retornem às origens. E o sentimento da ausência do outro faz do amor, “a suprema ventura e a desgraça suprema”,<sup>12</sup> como se pode observar nos versos da música de

<sup>10</sup> PAZ, Octavio. *A Dupla chama, amor e erotismo*. São Paulo: Sciliano, 1994

<sup>11</sup> FREUD, p. 80.

<sup>12</sup> PAZ, Octavio. *A dupla chama, amor e erotismo*. São Paulo: Sciliano, 1994.p.187.

Djavan, nos quais o eu deseja o outro e ausência deste provoca no sujeito a dor e a impossibilidade de viver.

Djavan em mais um de seus arranjos inusitados, coloca o eu lírico na posição de oceano, denotando bem a amplitude profunda da paixão, que torna-se oceano e deserto e é “reconciliação com a totalidade que é o mundo.”<sup>13</sup> O amor como forma de ultrapassar os limites, que culmina com a fusão com o outro, é encenado sob a aura de uma presença funda e constante e é temática que percorre não só *Oceano*, como todo o cancionário de Djavan.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. *A Biblioteca de Babel. Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1998.

DJAVAN. *Ao Vivo*. Vol. I. Sony, 2001.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976

PAZ, Octavio. *A dupla chama, amor e erotismo*. São Paulo: Sciliano, 1994

SCLIAR, M. *A paixão transformada. História da Medicina na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Abril, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratrusta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

---

<sup>13</sup> Op. Cit. P.196.